

INTEGRAÇÃO MUSEOLÓGICA DE ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS NO LARGO DA SÉ EM LISBOA

Lídia Fernandes *

As escavações arqueológicas realizadas no Largo da Sé e no Largo de Sto. António, em Lisboa, tiveram início em Setembro de 1993, tendo sido concluídas, numa primeira fase, em Março de 1994.

Esta intervenção, realizada conjuntamente pela Câmara Municipal de Lisboa e pelo I.P.P.A.R., foi levada a cabo através da elaboração de um protocolo entre as duas entidades procurando-se, deste modo, iniciar uma actividade conjunta, e pioneira no caso de Lisboa, de escavação e salvaguarda do património arqueológico.

A construção de sanitários públicos no Largo da Sé e a alteração do pavimento do Largo de St^o António — acções levadas a cabo pela edilidade — obrigaram a um plano concertado de acompanhamento e de escavação.

O trabalho de campo desenvolvido nestes dois locais correspondeu a acções distintas, de acordo com as obras a efectuar pela Direcção Municipal de Reabilitação Urbana e com o tipo de solo em presença.

No Largo da Sé a construção dos sanitários obrigou à realização de um desaterro de grandes dimensões uma vez que a construção não será visível superiormente.

O desaterro, realizado mecanicamente, abrangeu uma área sensivelmente de 10X10m situada no Largo da Sé e exactamente contígua à estátua de Augusto Rosa.

O tipo de solo existente neste local definiu, como já referimos, as próprias características da intervenção. Numa primeira fase dos trabalhos não foram registadas quaisquer estruturas arqueológicas até uma profundidade de cerca de 4m, correspondendo os terrenos a uma única camada de entulhos mal compactados com inúmeras pedras, cerâmica de construção e argamassas soltas.

Posteriormente, o aparecimento de uma parede em alvenaria na parte Norte do limite do desaterro já efectuado, obrigou quer ao

alargamento da escavação, quer a um novo tipo de acção, a qual, consistiu na libertação e limpeza dos vestígios e seu consequente registo.

Corresponde esta estrutura a uma parede com orientação E/W, à qual adossam dois muros perpendiculares, um a E. e outro a W, constituindo, no seu conjunto, um dos compartimentos de uma habitação, completo no que respeita à largura do mesmo.

De salientar o bom estado das estruturas mantendo ainda, quer grande parte do reboco que cobria a alvenaria quer, inclusivamente, todo o vão de uma janela revestida a tijoleira. Igualmente conservados se encontravam as concavidades para implantação dos barotes de sustentação do travejamento para o andar superior. Nesta primeira fase de escavação os vestígios encontrados corresponderam ao primeiro andar da estrutura habitacional.

Nenhum dos pavimentos da habitação, nesta fase dos trabalhos foi registado, uma vez que os mesmos se encontravam quer totalmente destruídos, no que respeita ao 1º andar, quer a uma cota inferior do nível por nós intervencionado, no que respeita ao pavimento do r/ch.

Quanto à cronologia das estruturas, podemos dizer que estamos perante um edifício do séc. XVII. Construção imponente, de boas cantarias e vergas em tijoleira. A destruição desta edificação terá ocorrido com o terramoto de 1755.

Em relação aos materiais encontrados, para além do habitual material cerâmico desta época, é de salientar o aparecimento de um notável conjunto de elementos arquitectónicos, os quais, pela sua decoração e qualidade técnica, certamente pertencerão à antiga igreja de Stº. António, em reconstrução aquando do cataclismo de meados do séc. XVIII.

A terraplanagem, ocorrida no local aquando do nivelamento dos terrenos, com o objectivo de se proceder à reconstrução pós-terramoto, certamente que misturou os materiais de construção que no local se encontravam, fazendo com que elementos originalmente

pertencentes à igreja servissem de entulho para colmatar espaços vazios das habitações contíguas.

PROJECTO DE MUSEALIZAÇÃO

O projecto de musealização das estruturas arqueológicas delineado pelas duas entidades — C.M.L. e I.P.P.A.R. — teve como principal objectivo o de conciliar a exequibilidade técnica dos trabalhos a efectuar pela Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, com a salvaguarda e possível integração das estruturas postas a descoberto.

A coincidência de orientação entre a estrutura do séc. XVII e a parede dos sanitários a construir, levou a que se colocasse a questão, não apenas da sua conservação — dado garantido em qualquer dos casos — como também da sua visualização.

O projecto de construção dos sanitários públicos foi, desta forma, pouco modificado, uma vez que a integração dos novos elementos não obrigou a uma alteração substancial do projecto inicial.

Desta forma, a estrutura é visível na sua face Sul, podendo a mesma ser observada no interior dos sanitários.

A segunda fase dos trabalhos arqueológicos recomeçou em Outubro de 1994 com a conclusão da construção dos sanitários em termos de estrutura, apesar de ainda decorrer a fase de acabamentos.

A necessidade de encontrar o pavimento original da habitação do séc. XVII obrigou à escavação de toda a área contígua à mesma.

Observou-se que o pavimento é constituído por seixos rolados apresentando uma inclinação acentuada na área frontal à porta. No lado esquerdo três degraus vencem o desnível até à janela.

O pavimento setecentista encontra-se, no seu nível mais baixo, a uma cota de cerca de 6,50m da rua actual.

Depois de toda a área limpa procedeu-se à construção de uma parede em betão a fim de segurar as terras que ficavam entre o

pavimento então escavado e o chão dos sanitários, o que corresponde a um desnível de 3, 10m.

A área assim posta a descoberto ficará integralmente visível e destacada da envolvente, não apenas pela construção técnica totalmente distinta, mas porque a estrutura mais antiga, a qual se pretende evidenciar, se encontra a um nível muito inferior ao da entrada e acesso aos sanitários.

As paredes que envolvem a estrutura do séc. XVII manterão a cor do cimento, tal como a textura evidenciadora da cofragem do betão, o qual se apresentará no seu estado bruto ou através de um tratamento especial a fim de sublinhar quer o tipo construtivo quer a separação entre área de uso público e área musealizada.

Quanto ao arranjo geral dos sanitários, no que diz respeito aos acabamentos, procurou-se, através de uma acção conjunta entre Direcção Municipal e equipa de arqueologia, encontrar as soluções para a melhor adequação entre espaço de uso público e área histórica.

Desta forma, optou-se por manter os azulejos de cor branca nas paredes dos sanitários, a fim de facilitar a sua limpeza. O pavimento, em tijoleira, estabelece uma certa ligação entre os dois espaços. O vermelho escuro insere o público numa tonalidade de cores fortes que serão declaradas nas estruturas de alvenaria que faz uso intenso dos beges, encarniçados, e tonalidades alaranjadas da argamassa e do tijolo.

O projecto de musealização completa-se com a colocação na parede de betão do lado Oeste, de um placard informativo onde se identificará a estrutura conservada, informando acerca da sua cronologia e implantação na Lisboa do séc. XVII.

Um vidro em vários módulos separará a área escavada do corredor de acesso aos sanitários, impedindo-se assim, que o local funcione como despejo de objectos e de lixos, tal como será permitida uma melhor visualização das estruturas já que não haverá necessidade de colocação de vedação para obviar ao debruçar dos visitantes.

A conservação deste espaço será assegurada pelo Museu da Cidade e pelo I.P.P.A.R., através do acompanhamento de dois técnicos — os mesmos que levaram a cabo a escavação do local os quais, regularmente, procederão a acções de conservação quando necessárias e à limpeza do local.

O controle e vigilância será assegurado por um funcionário camarário, o qual permanecerá no local a fim de manter o funcionamento dos sanitários e, ao mesmo tempo, a fim de garantir e salvaguardar o estado das estruturas postas a descoberto.

O projecto de musealização que aqui apresentámos insere-se num plano mais vasto, que abrange também o Largo de Sto. António, e enquadra-se num itinerário arqueológico mais amplo que abrange grande parte da Lisboa antiga.

De facto, a apreciação abrupta de espaços progressivamente mais amplos e luminosos ao longo da subida que leva ao Castelo ou à Graça, é pontuado por marcos históricos que tornam este passeio num percurso específico a valorizar.

Queríamos ainda referir que o facto de um projecto deste tipo ser levado a cabo nuns sanitários públicos, não corresponder, a nosso ver, a um qualquer desprestígio na apresentação dos vestígios arqueológicos expostos. Antes de mais, porque esses vestígios só apareceram devido à construção dessa obra e, por outro lado, porque consideramos como público não apenas aquele que vai aos museus mas sim todos aqueles que olharem para essa estrutura do séc. XVII.

Como refere Magdalena Stancheva, trata-se de satisfazer a curiosidade e de ocupar o pensamento, não sómente daqueles que, pela sua educação ou idade, possam corresponder a público potencial de museus mas, também e sobretudo, de todos os que não têm como objectivo principal o de visitar espaços vocacionados para a apresentação de vestígios históricos. Serão os simples transeuntes, com os seus desejos, os seus pensamentos e os seus gostos diversos que importa atingir.

* Arqueóloga da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa
— Museu da Cidade

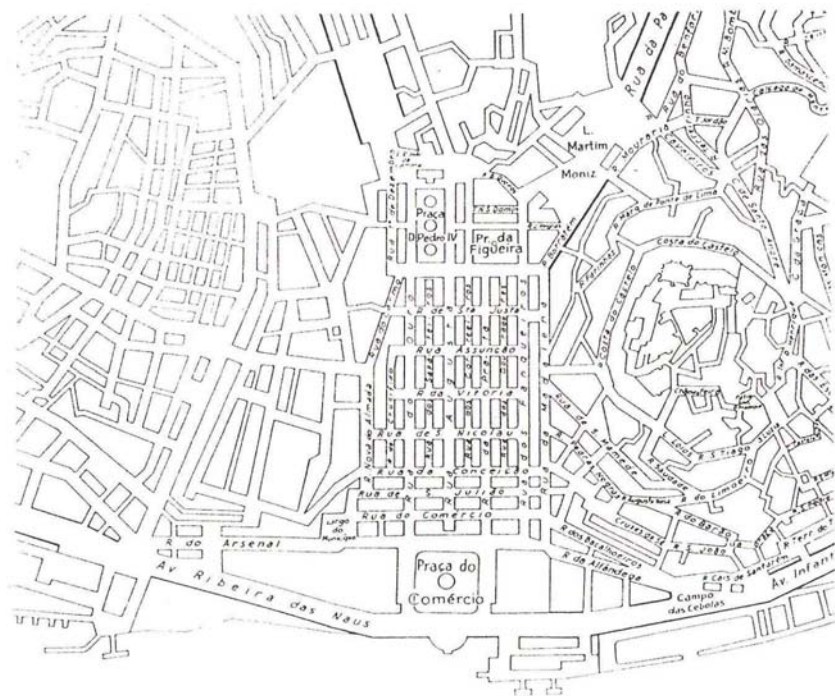


FIG. 1 — Localização do Largo da Sé e do local onde foi encontrada a habitação do séc. XVII.

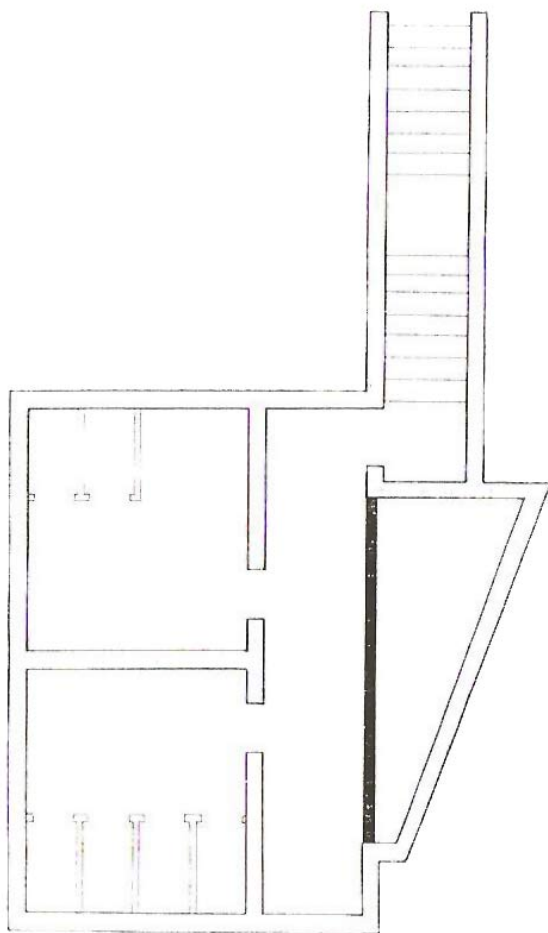


FIG. 2 — Planta dos sanitários públicos no Largo da Sé. A *grisé* a parede do séc. XVII.